

A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL COM, PARA E POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA AMÉRICA LATINA.

Prof. Dra. Eliany Salvatierra Machado



Professora Doutora do Departamento de Cinema e Vídeo da Univ. Federal Fluminense - UFF
Pesquisadora do Núcleo de Comunicação e Educação – NCE-ECA-USP

Em 2011 tive a oportunidade de estar presente no 33º Festival Internacional do Novo Cinema Latino-americano e no 25º Encontro de Rede, “*El Universo Audiovisual de la Niñez Latinoamericana y Caribeña*”, na cidade de Havana, Cuba. Foi no encontro comemorativo dos vinte e cinco anos da rede que percebi a dimensão do trabalho que Pablo Ramos havia construído em torno da produção do audiovisual *com, para e por* crianças e adolescentes.

O encontro reunia realizadores, curadores, coordenadores de projetos e pesquisadores que têm como tema a produção de audiovisual para crianças e adolescentes. Entre tantos especialistas da área, conheci: Andrés Habegger, de Buenos Aires, Argentina, que ofereceu uma oficina sobre o tema “A produção audiovisual no âmbito educativo”; Jan-Willem Bult, Reino dos Países Baixos; José Juan Ortiz, representante da UNICEF, em Cuba, que lançou o livro *Los audiovisuales em La infância y adolescência. Caminos para uma participación diferente*; Ramón Reig e Rosalba Mancinas, da Universidade de Sevilha, Espanha, que apresentaram o trabalho sobre a transmissão da ideologia neoliberal para crianças e jovens através dos videogames e videoclipes; Luis Alberto Notario, do ICAI, Cuba, que também apresentou um trabalho sobre a violência nos videogames; Hermes Millán, professor da Universidade de Tijuana, México; Claudio Avendaño, da Universidade Diego Portales, Chile; e Ignacio Gómez, Universidade Iberoamericana de León, México.

Pablo Ramos, em torno da Rede Unial, conseguiu reunir também vários coordenadores de festivais, entre eles: Pablo Lobera e Verônica Pastorino, coordenadores do Festival entre colégios de curtas *Festicortos*, Córdoba, Argentina;

Liliana de La Quintera, diretora do Festival Internacional do audiovisual para crianças e adolescentes *Kolibri*, La Paz, Bolívia; Elena Herrera, festival Guaguacine, Equador; e Norma Courlaender, Venezuela. Nesse momento não iremos ressaltar tantos outros que não estiveram no vigésimo quinto encontro, mas a quem tive a oportunidade de conhecer no ano seguinte.

A lista de pessoas e projetos se tornaria grande e exaustiva caso continuássemos a nomear todos os que lá estiveram. Contudo, o objetivo de nosso texto é fazer uma breve apresentação para que todos possam, assim como eu, perceber como desconhecemos, no Brasil, o que é produzido *com, para e por* crianças na América Latina. Deixaremos a análise para outra apresentação.

No V Encontro Brasileiro de Educomunicação, 2013, trago como proposta apresentar quatro produções fílmicas realizadas *com, para e por* crianças e adolescentes. Porém, mais do que entrar na análise formal, iremos explorar as produções a partir da Educomunicação. O nosso objetivo primeiro é uma homenagem a Pablo Ramos, criador da Rede Unial e que conseguiu reunir tanta gente interessante e comprometida com a produção audiovisual para crianças e adolescentes. Depois, demonstrar como em produções fílmicas simples e com baixo orçamento é possível realizar o fenômeno educucomunicativo.

Os filmes apresentados são: *Do lado de Fora*, escrito e dirigido por Paulo Vinícius e Matheus Peçanha, curta-metragem, ficção, 19', gênero infantil; fantasia, produzido em 2012; *O menino a favela e a tampa da panela*, diretor Cao Hamburger, roteiro de Anna Muylaert, curta-metragem, ficção, 5', produzido em 1995; *Luiz y Sus Curiosidades*, ficção, 9'07", produção coletiva, realizado na oficina "*Mis primeros picesitos*", Venezuela, 2012; e *Quinhentos Sucre*, direção Adriana Andrade Hidalgo, 2010, ficção, 5'10", Equador.

Educomunicação na produção fílmica *com, para e por* crianças e adolescentes, na presente apresentação, significa: presença dialógica e alteridade.

A Educomunicação como referencial teórico

Quando iniciamos a pesquisa *Pelos caminhos de Alice: vivências na educomunicação e a dialogicidade no Educom TV* sabíamos que o estudo era um processo da nossa inserção no campo da Comunicação e da Educomunicação e

não um produto final. Era o começo de uma série de inquietações, reflexões e práticas.

Tomamos a pesquisa como um processo. A nossa principal questão era, justamente, o que é a Educomunicação? A proposta parecia insólita já que trabalhávamos na área em conjunto com o pesquisador que sistematizou e propôs que a área é um novo campo emergente de intervenção social.

O nosso objetivo não era investigar sobre a existência ou não do campo, já que participamos da pesquisa *Perfil* e constatamos que existia um novo ofício ou outra forma de entender as práticas comunicativas.

Ao mesmo tempo, trabalhava no Núcleo de Comunicação e Educação – NCE, acompanhando os estudos e discussões também no Filocom, Grupo de Estudos filosóficos da Comunicação. Foi com base no trabalho do Filocom e nos estudos do coordenador do grupo, Ciro Marcondes Filho, que descobrimos que fazer perguntas é fundamental, principalmente para não cairmos no dogmatismo.

Foi com Marcondes Filho que percebemos que “comunicação” não é apenas o conjunto dos meios de comunicação de massa, aparatos tecnológicos ou objetos de informação. Para a Nova Teoria da Comunicação, comunicação é um “acontecimento”, algo que nos toca no campo dos sentidos e não dos significados. Não é o que “eu entendo”, mas o que “mexeu comigo”, “o que me modificou” de tal forma que me transforma.

Para estudar a comunicação – ou o “acontecimento” – Marcondes Filho foi a fundo nos estudos epistemológicos, questionando a ciência racionalista e a sua metodologia. Ao final da pesquisa, ele propõe um novo caminho para as pesquisas em Comunicação. Metáporos é uma proposta para viabilizar pesquisas durante o “acontecimento” ou durante a própria comunicação. Vale dizer que se entende o objeto das investigações (acontecimento) como algo fugidio, imprevisível e que não avisa quando vai ocorrer.

Tomando como fundamento que a comunicação é um acontecimento, assumimos que a Educomunicação é muito mais que o uso dos meios em ambientes de educação formal ou não formal. Mas, então, o que é vem a ser a Educomunicação?

Quando perguntamos “o que é?” queremos saber se é um fenômeno, uma metodologia ou uma prática. Soares diz que se trata de um campo emergente de

intervenção social, com cinco subáreas. Mas, quais são as semelhanças, ou mesmo os paradoxos, com os campos da Educação e da Comunicação?

A princípio, nossa hipótese era que a Educomunicação era um campo com práticas emancipatórias ou, usando um termo mais contemporâneo, um campo com práticas para a autonomia.

Acreditávamos que a polarização “capitalismo *versus* comunismo” e, posteriormente, a forte repressão exercida pelos governos autoritários no Brasil pós 1968 fossem a principal causa do surgimento de práticas educacionais. Atualmente, reconhecemos que estávamos influenciados pelo esquema “causa e efeito” das ciências duras.

A mobilização em torno da UCBC e do projeto LCC foi fruto de resistência ao governo da época e da forte pressão política exercida sobre os meios de comunicação de massa. Nesse sentido, ensinar a ler os meios era uma possibilidade para que a população soubesse o que estava acontecendo no país. A academia e os estudos pós 1968 apontavam para a tomada de consciência pela razão. Mesmo para a Escola de Frankfurt, que realizou estudos sobre o esclarecimento e denunciou a sua instrumentalização, o caminho ainda era a busca da autonomia pela racionalidade.

À medida que a pesquisa avançava, (como, por exemplo, quando estudamos a comunicação popular), mais acreditávamos que o caminho da Educomunicação era o da emancipação e da tomada de consciência política pela classe trabalhadora. A Educomunicação, nessa perspectiva, teria como pressuposto libertar os trabalhadores pelo esclarecimento.

Com as discussões sobre o “campo emergente”, a nossa questão específica se confundia com o reconhecimento do campo e com a percepção de um fenômeno que vivenciávamos e não sabíamos o que era. Foi retomando os estudos do surgimento do campo e, principalmente, o trabalho de Mario Kaplún que conseguimos compreender que uma discussão diz respeito à legitimação da área, como ofício ou como uma graduação em formação, e outra ao fenômeno educacional.

Ao acompanhar as discussões do campo da comunicação percebemos que a Educomunicação vive o mesmo dilema. Campo, objeto, fenômeno e práticas. Mas todas essas questões só ficaram menos obscuras quando estudamos o que é a emancipação e o esclarecimento, ou seja, quando percebemos que existem

discussões na filosofia do conhecimento sobre o que é *conhecer* ou *como se conhece*.

A maior parte dos trabalhos da comunicação popular e da Educomunicação estão orientados para a tomada de consciência racionalista. No entanto, paradoxalmente, o fenômeno educutivo é totalmente afetivo, emocional, algo que acontece ou seja: comunicação.

Soares sempre afirmou que a Educomunicação é a possibilidade de “implantar”, ao que diríamos: “abrir espaços” para o diálogo franco e aberto. Foi por isso e pelo diálogo que fomos tentando cercar o fenômeno. O rastreamento do termo nos fez chegar a Martin-Buber e, posteriormente, em Emmanuel Lévinas.

Confirmamos a noção de que a Educomunicação é um campo ou uma área com diferentes práticas sociais. Aprendemos que estamos diante de um fenômeno que se define, essencialmente, pela sua condição de dialogicidade.

O campo da Educomunicação é formado por espaços de relações, que na prática do NCE, vem se traduzindo em pesquisas, projetos de formação, seminários e congressos.

Afinal, o que percebemos?

A pesquisa demonstrou que o diálogo representa a essência da virtualidade do conceito e da prática educutiva. A Educomunicação existe por causa do diálogo, vive dele e para ele tende, continuamente.

O diálogo, contudo, na Educomunicação não é simplesmente a troca ou o compartilhamento de ideias entre pessoas para se chegar a algum consenso. Não é o diálogo da perspectiva racionalista. O diálogo educutivo, caracterizado como franco e aberto, é o espaço do “entre”, onde a expressão se encontra, o espaço proferido pela palavra-princípio “Eu-Tu”, descrita por Buber.

Para que o diálogo ocorra é preciso que o “Eu” se reconheça como “Tu”. Proferir a palavra-princípio “Eu-Tu” tem, nesse sentido, sua natural contrapartida ética. Significa tratar a outra pessoa como ser humano, com toda a sua presença corpórea e sua dignidade, ao contrário do que ocorre quando estabelecemos a relação “Eu-Isso”, em que o “Isso” não passa objetivamente de uma “coisa”.

Não estamos falando do diálogo que busca o consenso ou que permite que cada um fale organizadamente, mesmo que sem hierarquias definidas. Também não estamos nos referindo àquele que busca uma verdade absoluta. Estamos falando do diálogo aberto, com verdades provisórias, aceitando ideias que sejam concebidas

por todos e admitindo, mesmo quando são divergentes, que os resultados permaneçam igualmente abertos.

Passamos, então, além de perceber, a entender o que Soares afirma em suas palestras: que os pressupostos da Educomunicação são válidos quando seus praticantes aceitam construir o diálogo franco e aberto. Aberto sem intencionalidades ideológicas e muito menos políticas, ou seja, sem a intenção de “converter”, “fazer a cabeça”, “conscientizar”, “emancipar”.

Segundo Buber, um dos aspectos fundamentais da vida de nossa comunidade sobre o qual podemos agir a fim de tornar a paz vital mais próxima é a educação. Mas, para isso, a atividade educativa tem que ser cuidadosamente distinguida do que ele nomeou de propaganda. “O propagandista não tem nenhum interesse real pelo homem sobre o qual deseja influir; suas qualidades individuais só o interessam na medida em que delas se pode servir para nele inculcar sua ‘mensagem’.”³⁸.

Ao se propor facilitar espaços dialógicos, a Educomunicação não deve cair na armadilha da racionalidade, levando para a discussão o exercício do que chamamos na academia de “instrumentos de elaboração do saber” – capacidade de sintetizar, analisar, criar inferências e conclusões, que servem para outro momento. O exercício educacional está na mística, na sensação, na percepção do outro.

O verdadeiro educador, para Buber, tem por objetivo básico o desenvolvimento das qualidades individuais do educando. Sabemos que isso não é possível por meio da imposição da nossa vontade e das nossas ideias sobre o outro – tarefa difícil de ser exercida, contudo, necessária. Por isso, o diálogo franco e aberto.

As práticas educacionais não seguem caminhos propagandistas como nomeia Buber. Ao contrário, são dialógicas e quando instrumentalizadas caem na armadilha racionalista. Por isso, perceber-se e perceber o outro se torna chave, caminho de entrada para a relação do tipo “Eu-Tu” e para a consciência do “Eu”.

A dicotomia propaganda vs. Educação corresponde à oposição política vs. Social. Enquanto que o propagandista de um partido ou de uma instituição governamental qualquer intenciona “inculcar no público uma vontade pré-fabricada, isto é, implantar em cada um a certeza de que essa é sua própria vontade, nascida em seu próprio seio”, a intenção da educação social é “despertar e desenvolver em cada um dos educandos a espontaneidade da sociabilidade, que existe

³⁸ Martin BUBER, 1963d, pp. 226-27, *apud*. Marcelo DASCAL, A ideia de paz na filosofia de Martin-Buber. In: BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico*, p.26.

potencialmente em todos nós, e que é perfeitamente compatível com a vivência e a reflexão individual”³⁹

É no âmago da alma individual que se deve processar a transformação básica. Isso não quer dizer voltar-se a si mesmo completamente e se transformar em asceta, diz Buber.

Dentre a pluralidade de componentes positivos que descobre em sua alma encontra-se a tendência a voltar-se para o outro, o “instinto de comunicação”; é então que ele aprende a “dizer-tu” e, a partir daí, a dizer “Nós”. E só aquele que aprende a dizer “Nós” referindo-se aos membros de sua comunidade é capaz de compreender e aceitar o dizer-nós dos membros da comunidade vizinha; só entre eles pode-se estabelecer uma paz vital.⁴⁰

A pesquisa nos fez perceber que o caminho para a emancipação e para a liberdade está na responsabilidade que tenho para com o outro (Lévinas). Não é o “Eu” que liberta o “outro”, mas o “outro” e, principalmente, as relações sociais que pelo compromisso libertam o “Eu”.

Nessa perspectiva, a busca pela consciência é se “dar a perceber” e não como o projeto racionalista tentou encerrar em sua totalidade: compreender e apreender. Perceber-se é perceber o outro, o mundo e as coisas desse mundo. Por isso, a Educomunicação ao promover o diálogo: franco e aberto, em que se profere a palavra princípio “Eu-Tu”, reconhece o outro, infinito, oferece-nos uma outra forma, um outro paradigma.

Dascal coloca que “num mundo em que todas as receitas para uma ‘paz instantânea’ até hoje falharam, não seria o caso de abandonar o “realismo” de vista curta e dar uma chance a um ‘idealismo’ com um pouco mais de fôlego?”.⁴¹

A Educomunicação, quando deixa a racionalidade ocidental, ganha as relações, o diálogo e a alteridade (Lévinas). Claro que tudo isso pode ser tomado

³⁹ Martin BUBER, 1965, p. 413, *apud.* Marcelo DASCAL, *Ibid.*, p. 27.

⁴⁰ “Um conto hassídico, contado por Buber, ilustra vividamente esse duplo processo de voltar-se para si mesmo, abrindo-se em seguida para a comunidade. Rabi Aizik, de Krakau, filho de Rabi Iekil, que vivia em extrema pobreza, recebeu, em um sonho, a ordem de ir até Praga e procurar lá um tesouro enterrado sob a ponte que leva ao palácio do rei. Depois de sonhar três vezes a mesma coisa, pôs-se a caminho. Ao chegar à ponte, viu que estava guardada dia e noite, o que impedia de procurar o tesouro. Apesar disso, dia a dia voltava ao lugar e ficava por lá durante o dia inteiro. Por fim, o comandante da guarda perguntou-lhe o que fazia por ali. Rabi Aizik contou-lhe seu sonho, ao que o comandante da guarda riu-se às gargalhadas: “Caminhaste tanto por causa de um sonho! Que sofram os que acreditam em sonhos! Se eu acreditasse em sonho teria que ir até um lugar muito distante, pois me ordenaram em sonho que fosse até Krakau, à casa de um judeu, um tal de Aizik, filho do Iekil, e escavasse sob o seu fogão onde se encontra um tesouro. Imagine só, numa cidade em que a metade dos habitantes judeus se chama Aizik e a outra metade Iekil, certamente teria que destruir todas as casas da cidade!” – Rabi Aizik saúdo-o e voltou para casa. Lá desenterrou o tesouro que estava sob o fogão, e construiu uma sinagoga. Buber, 1964, pp. 42-3, *apud.* Marcelo DASCAL, *Ibid.*, pp. 27-8.

⁴¹ DASCAL, Marcelo, A idéia de paz na filosofia de Martin-Buber. In: BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico*, p.28.

como demasiadamente místico, utópico, sonhador e tantos outros adjetivos. Porém, a ousadia está justamente nisso tudo: na mística, no sonho, no perceber o novo e não continuar a repetir velhas fórmulas que já nos demonstraram que por elas ou através delas não avançamos. É preciso ser responsável pelo outro, pois é o outro que nos liberta de um “eu” encerrado em si mesmo, caminho ainda a percorrer.